

# Do ateísmo ao neo-ateísmo: Uma breve retrospectiva histórica e suas implicações na sociedade atual

*From Atheism to Neo-atheism:  
a Brief Historical Retrospective and its Implications in  
Current Society*

*Marcelo Ferreira Cardoso<sup>1</sup>  
José Calixto<sup>2</sup>.*

**Resumo:** É inegável o significativo crescimento do número de pessoas que atualmente se declaram ateias ou agnósticas no mundo. Este fenômeno sociorreligioso tem levado pesquisadores, religiosos ou simplesmente aqueles que se interessam pelo tema a questionar o porquê de tal fato. Destarte, especialistas têm afirmado que boa parte se deve ao desenvolvimento de uma forma de ateísmo beligerante chamado de neo-ateísmo, cuja principal mensagem é marcada pelo incentivo a saída da

---

Artigo recebido em: 20 nov. 2018  
Aprovado em: 19 fev. 2018

<sup>1</sup> Possui Mestrado em Liderança pela Andrews University (2014) e está em andamento com um Mestrado em Ciências da Religião, pela Faculdade Unida de Vitória-ES. É pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia e exerce atualmente a função de professor de teologia da área de Teologia Aplicada do Seminário Latino Americano de Teologia do Instituto Adventista Paranaense (IAP).

<sup>2</sup> Possui Mestrado pela Universidade Adventista São Paulo (2002) e Doutorado em Teologia na mesma Instituição. Ademais, fez uma Pós Graduação sistematica, pela UGF, e está em andamento um Mestrado em Ciência da Religião, pela Faculdade Unida de Vitória. Atualmente é ministro do evangelho da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Venda Nova do Imigrante, ES.

obscuridade por parte daqueles que hoje questionam a existência de Deus, os chamados ateus, e se opõe a qualquer tipo de crença ou fé. Este artigo se propõe a fazer uma breve retrospectiva histórica do ateísmo e analisar a influência que o neo-ateísmo exerce no crescimento de seus simpatizantes e seguidores hoje.

**Palavras-chave:** Religião, ateísmo, neo-ateísmo, fé.

**Abstract:** There is no denying the significant growth in the number of people now claiming to be atheists or agnostics in the world. This socioreligious phenomenon has led researchers, religious or simply those who are interested in the subject to question the reason for this fact. Thus, experts have said that much is due to the development of a form of belligerent atheism called neo-atheism, whose main message is marked by the encouragement of the departure of obscurity by those who today question the existence of God, the so-called atheists, and is opposed to any kind of belief or faith. This article proposes to make a brief historical retrospective of atheism and to analyze the influence that neo-atheism exerts on the growth of its sympathizers and followers today.

**Keywords:** Religion, Atheism, Neo-Atheism, Faith.

## Introdução

As palavras *ateu* e *ateísmo* têm sua origem no grego clássico, onde encontramos a adição da preposição essencial “a” ( $\alpha$ ) que significa “sem”, com a palavra “*theos*” ( $\Theta\epsilon\omicron\varsigma$ ) “Deus”<sup>3</sup>, portanto numa tradução livre e simples, *ateu* seria alguém “sem Deus”. Contudo, ao se fazer uma análise mais detida sobre este conceito e de acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o vocábulo *ateísmo* tem a seguinte definição:

Doutrina que nega veementemente a existência de Deus, recusando toda afirmação e/ou sentimento que se baseiam direta ou indiretamente na fé. Geralmente os adeptos do ateísmo buscam explicações materialistas e científicas para questões como a criação do universo e da humanidade. Ateísmo é um conceito oposto ao teísmo<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955. p. 51.

<sup>4</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1989. p. 109.

Urge, porém, destacar, que antes de se ater a conceitos sobre ateísmo neste artigo, o leitor necessita compreender as quatro principais formas de pensamento quanto a existência de Deus, deuses ou qualquer outra ideia de seres transcendentais e que são: Teísmo, deísmo, panteísmo e ateísmo; lembrando que há outras, contudo sendo estas mencionadas as mais comuns<sup>5</sup>.

Para um melhor entendimento e de acordo com Geisler e Turek, o teísta é aquele que crê num Deus e suas derivações de forma pessoal, não sendo parte do Universo, porém criador dele. Alguns exemplificam esta afirmativa ao utilizar uma simples, conhecida, porém antiga analogia de Deus como o relojoeiro e sua criação como o relógio. Ressalta-se que as três principais religiões teísta do mundo são o cristianismo, o judaísmo e o islamismo.

Já o deísta na sua grande maioria acredita que a criação do Universo não foi uma eventualidade aleatória, mas ocorreu por uma inteligência superior, podendo neste caso ser Deus ou algum organizador desse Universo. Contudo, depois deste ato, ele não age mais diretamente e não influencia no destino do mundo e nem de seus habitantes. Ainda tendo como exemplo o relógio, Deus continua sendo o fabricante, mas para o deísta, ele simplesmente o criou, o colocou em movimento e agora este relógio funciona a partir deste ato por conta própria.

Para os panteístas, conforme o próprio nome já sugere (*pan* deriva do grego que significa tudo e *theos* – deus) Deus é um ser impessoal, sendo ele o próprio Universo e tudo que o compõe. Ao contrário da visão teísta, no panteísmo o relógio e toda sua estrutura que o origina é Deus. Destaca-se que praticamente as principais religiões orientais, como budismo, hinduísmo e muitas originadas do fenômeno da Nova Era são panteístas<sup>6</sup>.

Em quarto lugar encontram-se os ateus e que correspondem ao grupo daqueles que não acreditam em nenhum tipo de Deus e apoiado nos exemplos acima, afirma-se que eles acreditam que aquilo que se parece com um relógio sempre existiu e ninguém o construiu, surgindo, portanto, inopinadamente<sup>7</sup>.

Por fim, cabe aludir que agregado a teístas e ateus ainda há os agnósticos, que tanto podem ser agnósticos teístas, ou seja, aqueles que acreditam na possibilidade da existência de Deus, mas reconhecem que não possuem capacidade para provar sua existência

---

5 POLKINGHORNE, J. C. *One world: the interaction of science and theology*. Philadelphia: Templeton Foundation Press, 2007. p. 34.

6 GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. Não tenho fé suficiente para ser ateu. 2ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 22.

7 FESER, Edward. *A última superstição: Uma refutação do neoteísmo*. 1º ed. Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 2017. p. 12.

e os agnósticos ateus, que admitem não possuir conhecimento que comprove a não existência de Deus, mas não acredita na possibilidade que exista uma divindade<sup>8</sup>.

É deveras importante ser apresentado introdutoriamente estas diferentes formas de crença ou sua ausência, pois sendo objeto deste estudo o ateísmo, logo fica claro que elucidá-lo requer mais do que uma simples análise da junção de palavras para compreensão da sua etimologia como é visto, ou a rápida passagem por seu conceito.

Dawkins por outro lado afirma que a compreensão do ateísmo não é só uma representação da negação categórica da existência de divindades e entidades sobrenaturais, ou seja, da existência ou presença de Deus ou deuses no universo, mas exige-se sim, certa complexidade e não se apresenta de maneira simples como possa a princípio parecer<sup>9</sup>.

Um próximo fator a declarar é que a própria história sempre apresentou indivíduos ateus que eram vistos por uma perspectiva ultrajante, principalmente vinda de autoridades religiosas preocupadas em dar uma conotação negativa ao designá-los. Onfray destacou: “Nenhum termo existe para qualificar positivamente quem se conforma às quimeras além dessa construção linguística que exacerba a negação”<sup>10</sup>. Já Minois declara que o ateísmo não é algo fácil de se entender somente pela definição da negação ou a ausência de Deus, contudo o ponto principal a se apresentar está no fato de que o termo está associado diretamente a relação com o conceito que se faz deste Ser supremo e de nossa visão ontológica<sup>11</sup>.

É inquestionável ser de suma importância a qualquer ser humano seu posicionamento sobre a existência ou não de Deus, pois isto afeta indelevelmente a sua concepção de vida, e seu posicionamento ético e moral<sup>12</sup>. Em certa ocasião perguntaram a Mortimer Adler, editor da obra, *Grandes Livros do Mundo Ocidental*, por que a seção “Deus” era a maior daquela publicação? Adler afirmou que mais implicações derivavam do tema “Deus” em

---

<sup>8</sup> BAGGINI, Julian. *Atheism: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 66.

<sup>9</sup> DAWKINS, Richard. *The God delusion*. Boston: Houghton Mifflin Company, 2006. p. 173.

<sup>10</sup> ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia: Física da metafísica* 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2009. p. 07.

<sup>11</sup> MINOIS, Georges. *História do ateísmo: Os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2014. p. 11.

<sup>12</sup> FESER, 2017, p. 31.

comparação a qualquer outro e que automaticamente geravam, as cinco perguntas mais importantes da vida<sup>13</sup>:

- 1- Origem: De onde viemos?
- 2- Identidade: Quem somos?
- 3- Propósito: Por que estamos aqui?
- 4- Moralidade: Como devemos viver?
- 5- Destino: Para onde vamos?

Não é difícil chegar a conclusão que as respostas a cada pergunta dependem da crença embutida na possibilidade ou não da existência de Deus ou da forma como se encara o assunto.

## **2. Buscando respostas na história**

Apesar de parecer que o ateísmo é um assunto relativamente novo e sendo assim um fenômeno dos tempos modernos e contemporâneos, crê-se que a sua prática ocorria na humanidade desde a existência do pensamento e da vivência religiosa do homem, nascendo como uma ideia contrária a esta última<sup>14</sup>. A existência de pessoas que questionavam a possibilidade de haver um ser ou seres transcendentais que fossem merecedores de algum tipo de adoração e capazes de algo sobrenatural é tão antigo, que o livro sagrado para os cristãos no antigo testamento<sup>15</sup> e deve-se aqui ressaltar que o propósito não é entrar no mérito de como ateus eram qualificados pelos autores bíblicos, mas apresentar relatos de que tais pessoas que não criam em Deus já eram mencionadas e contemplada sua existência desde tempos remotos, chamando-as de tolas: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus”.

Outra prova do acima exposto, é que na antiga Grécia, a história do julgamento de Sócrates narrada por Platão em 399 a.C., apresenta nos poscênios traços evidentes de uma perseguição insidiosa e que acabou o filósofo sendo confundido como alguém que não cria nas divindades gregas, contudo longe disso, ele defendia o livre-pensamento e a investigação sem restrições em detrimento dos conceitos religiosos vigentes, recusando-se a aprovar qualquer norma ou princípio fundamentado por uma crença sem

---

<sup>13</sup> GEISLER; TUREK, 2006, p. 38.

<sup>14</sup> FILHO, Tácito da Gama Leite Filho. *Ateísmo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1988. p. 17.

<sup>15</sup> O livro dos salmos 1: 14. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 625.

fundamentos e coerência. Sócrates chegou a afirmar que uma vida onde não se encontram ponderações, verdadeiramente não vale a pena ser vivida<sup>16</sup>, é importante pontuar que longe de ser ateu ou herege e ele veementemente negou ser, o filósofo foi morto porque seu método socrático de raciocínio prometia uma maneira de desenvolver opiniões nas quais poderia, mesmo diante de uma tempestade, sentir uma confiança legítima e ir além do que as mentes religiosas estagnadas impunham como dogmas. Isto acabou levando alguns jovens de famílias ricas e influentes atenienses da época a questionar a legitimidade dessas crenças relativas às entranhas da Terra e assuntos celestiais<sup>17</sup>, criando um enorme problema na visão de alguns que o acusavam.

Em busca de mais evidências bibliográficas na história, Mohler argumenta a apresentação do apóstolo S. Paulo escrita provavelmente no ano 50 do I século, em sua epístola aos romanos, no capítulo 1 e versículos 19 a 32 e que mediante a tamanhas evidências da existência de Deus e de Sua própria revelação, a negação dEle seria uma forma de “obscurecimento, desonestidade intelectual e, finalmente, degradação moral”<sup>18</sup>. Mormente percebe-se por aqui, que este pensamento questionando ser Deus ou deuses algo factual não é de fato tão novo assim.

Avançando ainda mais pela história, talvez o período mais significativo para o ateísmo inicia-se a partir do século XVI, com o nascimento do Iluminismo e portanto o enfraquecimento gradual da igreja dominante no Velho Mundo, trazendo assim a liberdade alcançada pela ciência para expor seus conceitos e posteriormente com o advento da Revolução Francesa no fim do século XVIII, abrindo conseqüentemente as portas para a era moderna, onde a religião começou a ser questionada como nunca antes fora, uma vez que não podia ser comprovada pela razão<sup>19</sup>. Surgem a partir daí homens como, Voltaire, Charles Darwin, Karl Marx, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Isaac Asimov, Simone Weil, entre tantos outros que se declaravam ateus ou agnósticos ateístas.

Ademais, ainda que se tenha tido naqueles idos manifestações públicas de pensamento, avanço da causa e obras literárias de pessoas proeminentes enfatizando o ateísmo, tirando-o

---

<sup>16</sup> PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Edson Bini et al. São Paulo: Edipro, 2015. p. 47.

<sup>17</sup> BOTTON, Alain de. *As consolações da filosofia*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014. p. 36.

<sup>18</sup> MOHLER, R. Albert Jr. *Ateísmo remix*. São José dos Campos: Fiel, 2012. p. 9.

<sup>19</sup> NICODEMUS, Augustus. *O ateísmo cristão e outras ameaças à igreja*. 1ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. p. 31.

inegavelmente das sombras, isto ainda não era impedimento para observar mentes brilhantes preocupadas em como suas posições e ideias seriam recebidas pela religião, mesmo havendo um forte contraponto ao domínio religioso vigente e se por acaso pensavam da mesma maneira e se cruzavam umas com as outras na ciência<sup>20</sup>. Tinham o cuidado de expressar seus pensamentos e convicções com grande cautela, ou confiná-los tanto quanto possível somente a um círculo de apoiantes cultos. Como exemplo a este ponto destaca-se o episódio marcante de Benjamin Franklin quando da invenção do para-raios, que apesar de não ter descoberto exatamente a eletricidade, foi certamente uma das pessoas que ajudou a desvendar os seus princípios e aplicações práticas domesticando assim um fenômeno natural, neste caso o raio, e que era apregoado como uma das “armas” utilizadas por Deus para o castigo humano. No período da divulgação de sua invenção, Benjamin Franklin fez questão de escrever à sociedade de sua época quase como uma retratação de que não tinha como propósito com sua invenção estar domesticando Deus:

Na sua bondade para com a humanidade, Deus ficou finalmente satisfeito por descobrir para ela o meio de proteger as suas habitações e outros edifícios de prejuízos pelos trovões e pelos relâmpagos...<sup>21</sup>

No mesmo período de Franklin encontramos personagens que ao contrário dele, já expunham seus pensamentos de forma clara e aberta e que se tornaram de extrema relevância para o ateísmo atual como veremos a seguir, estamos falando de David Hume<sup>22</sup>. Considerado como o pai do empirismo e do ceticismo filosófico, o filósofo Hume cria que todas as ideias significativas ou eram verdadeiras por definição ou deveriam estar baseadas numa experiência sensorial. Segundo ele mesmo declarou, não haveria experiência sensorial para conceitos que estejam além do físico e não se deveria acreditar em nenhuma afirmação metafísica, ou seja, aqueles conceitos que estão além do físico, incluindo Deus, pois elas são sem sentido<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> MOHLER, 2012, p. 29.

<sup>21</sup> HITCHENS, Christopher. *Deus não é grande: Como a religião envenena tudo*. 1ª ed. Porto Alegre: D. Quixote, 2007. p. 312.

<sup>22</sup> GEISLER; TUREK, 2006, p. 74.

<sup>23</sup> GEISLER; TUREK, 2006, p. 77.

Por fim, vale destacar que a concepção de ateu não é só denotada pela argumentação da não existência de Deus, Mota declara que a história testemunhou que havia uma outra forma de se ver ateísmo, “quando outros (uma maioria religiosa) apresentavam o ateu como aquele que tinha uma concepção diferente da divindade e de como a sociedade e a sua religião vigente criam”<sup>24</sup>, ao analisarmos este aspecto e utilizando deste pressuposto podemos concluir que qualquer um nos dias atuais, sendo pagãos, politeístas, monoteístas, cristãos ou muçulmanos poderiam ser também chamados de ateus dependendo das suas diferenças e de onde manifestassem sua crença<sup>25</sup>.

Fundamentado neste conceito, Cavalieri escreveu o seguinte:

No mundo antigo e através da maior parte da história da humanidade, a pergunta nunca foi se existia ou não um Deus, e sim qual deus era o verdadeiro. Qualquer forma diferente de se crer era previsto como paganismo. Essa parece ser uma pergunta diferente da que predomina em nossos dias<sup>26</sup>.

### **3. Neo-ateísmo, o ateísmo na atualidade**

Notadamente o ateísmo tem crescido de maneira vertiginosa nos dias atuais e isto é inegável, pois boa parte deste desenvolvimento afirma Dennett, se deve ao feitio militante com que tem atuado, e principalmente com o aparecimento de uma vertente deste movimento chamado, neo-ateísmo<sup>27</sup>. Ratificando esta afirmativa, um reconhecido e renomado instituto americano de pesquisas sociais e religiosas, Barna Group (BG), realizou recentemente uma enquete estatística naquele país, ressaltando que os Estados Unidos eram até pouco tempo atrás conhecidos como predominantemente cristãos protestantes e onde se constata

---

<sup>24</sup> MOTA, Lindomar Rocha. *Neoteísmo. Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, 2010. p. 16.

<sup>25</sup> MINOIS, 2014, p. 12.

<sup>26</sup> CAVALIERI, Edebrando. *Abordagem fenomenológica do religioso*. In: RIBEIRO, Luiz Osvaldo; ROSA, Wanderley Pereira da. *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014. p. 11.

<sup>27</sup> DENNETT, Daniel C. *Quebrando o encanto: A religião como fenômeno natural*. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2006. p. 87.



atualmente um avanço gradativo do número de céticos em sua sociedade. Consequentemente por lá, há queda a décadas de números como: Taxa de frequência à igreja, afiliação religiosa, oração, leitura da Bíblia e por último e o mais relevante, a crença em Deus<sup>28</sup>. De acordo com ela (BG), que explora as tendências do mundo religioso, as principais razões apontadas para a descrença na existência de Deus, são: A rejeição da Bíblia, a falta de confiança nas igrejas, a visão de mundo secular reforçada pela cultura e uma disseminação mais agressiva do ateísmo<sup>29</sup>.

Outro ponto de destaque, são os recentes estudos das chamadas gerações sociológicas. O termo “geração” é bastante amplo e, por isso mesmo, muitas confusões ocorrem em torno de suas definições. Existe uma distinção entre o sentido comum ou usual do termo e seu significado sociológico, mostrando que comumente usamos esse termo para nos referirmos aos descendentes ou ascendentes familiares<sup>30</sup>.

No pensamento sociológico, no entanto, o conceito de geração foi utilizado por diferentes autores em diferentes períodos e, por isso, seu significado não é único. Augusto Comte, considerado um dos fundadores da Sociologia, o utilizou a fim de explicar que as gerações se sucedem no tempo histórico e que essa sucessão contínua é o que permite a realização daquilo que Comte considerava ser o fim ou o objetivo da história, a saber, a realização do progresso<sup>31</sup>.

Essa visão foi muito difundida, tendo por isso sido decisiva para a popularização do termo. No entanto, esse modo de usar o conceito pressupõe que a história é constituída por uma sucessão contínua de gerações e que cada nova geração suplantaria a anterior, contribuindo assim, para a realização do progresso<sup>32</sup>. No entanto, a noção de progresso foi posteriormente questionada e criticada, tanto pelos filósofos quanto pelos sociólogos, que procuraram mostrar que o progresso não é automático nem contínuo. O conceito de geração usado por Augusto Comte é fundamental para afirmar uma visão

---

<sup>28</sup> PAINE, Scott Randall. *Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, 2010. p. 34.

<sup>29</sup> Barna Group. Disponível em: <<https://www.barna.com/research/atheism-doubles-among-generation-z/#.WnehLRuNgx1>> Acesso em 08 abr. 2018.

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Sidnei. *Gerações: Encontros, desencontros e novas perspectivas*. São Paulo: Integrare Editora e Livraria Ltda., 2016. p. 53.

<sup>31</sup> GERBAUDO, Paula. *Como fortalecer a liderança para diminuir o conflito entre as gerações X e Y*. FAZU em Revista, Uberaba, n.8, 2011, p. 210.

<sup>32</sup> OLIVEIRA, 2016, p.104.

mecânica e automática da história, na qual o tempo histórico é confundido e mesclado com o tempo biológico. Por isso, a concepção elaborada por Comte é chamada de “positivista” e implica em uma “naturalização da história”<sup>33</sup>.

Partindo do pressuposto acima e segundo Weller, atualmente encontramos sete diferentes gerações classificadas de acordo com a época de seu nascimento, a saber: Geração Perdida (1882 a 1904), Geração Grandiosa (1905 a 1922), Geração Silenciosa (1923 a 1945), Baby Boomers (1946 a início dos anos de 1960), Geração X (meados dos anos de 1960 a início dos anos de 1980), Geração Y (meados dos anos 1980 até início dos anos 1990) e Geração Z (meados dos anos 1990 até início dos anos 2000)<sup>34</sup> e neste caso específico, Lisboa e Santos sugerem que a porcentagem da Geração Z, sendo que somente adolescentes de 13 a 18 anos foram incluídos nesta análise, que se autodenominam como ateus é quase o dobro em relação as outras gerações já adultas<sup>35</sup>.

Outra particularidade marcante dos jovens desta geração é que a palavra “ateu” já não soa como algo sujo ou ruim e sua falta de confiança está à altura da adoção generalizada do relativismo pela cultura mais ampla<sup>36</sup>.

Por sua vez, Gozzini declara uma percepção clara de que a partir do começo do século XXI, período desta Geração Z, não somente há o crescimento dos que se autodenominam ateus, mas também surge um tipo de ateísmo mais atuante e beligerante, capaz de sair da marginalidade da indiferença para se declarar como ateu e combater frontalmente as religiões formais, afirmando-as como essencialmente más e fortalecendo seu desenvolvimento. Este movimento denomina-se como ateísmo moderno ou neo-ateísmo<sup>37</sup>. Seus principais articuladores e iniciadores, Richard Dawkins, Christopher Hitchens, Daniel Dennett e Sam Harris, talvez inspirados em David Hume e no empirismo inglês já mencionado anteriormente, visam analisar a religião segundo as regras da racionalidade e objetividade científicas.

---

<sup>33</sup> MCCRINDLE, M. *The ABC of the XYZ: understanding global generations*. Sydney: UNSW Press, 2011, p. 49.

<sup>34</sup> WELLER, Wivian. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, 2010, p. 205.

<sup>35</sup> LISBOA, Wellington; SANTOS, Wandressa. *As multifaces da “Geração Z” e suas dinâmicas de consumo*. São Paulo: Plêiades, 2016, p. 25.

<sup>36</sup> JACQUES, T.C.; PEREIRA, G.B.; FERNANDES, A. L.; OLIVEIRA, D.A. *Geração Z: Peculiaridades geracionais*. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, 2015, p.22.

<sup>37</sup> GOZZINI, Mário. *Deus está morto? Religião e ateísmo num mundo em mutação*. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 77.

O neo-atéismo e seus representantes, num primeiro plano, combatem o fundamentalismo religioso nas mais variadas formas, através de um fundamentalismo ateu, pregam e militam contra toda e qualquer crença no sobrenatural buscando fazer mais seguidores e admiradores de suas teorias<sup>38</sup>. Declaram a suposição paternalista de que a crença em Deus só pode ser produto da confusão entre o desejo e realidade, da estupidez, da ignorância ou da desonestidade intelectual; na recusa correspondente a considerar a sério a possibilidade de que essa crença possa ser verdadeira e de que os argumentos a favor dela possam ser sólidos<sup>39</sup>.

É também significativo apresentar que encontramos entre as fileiras dos ateus aqueles que não compactuam com esta forma de ação tão agressiva, principalmente quando se trata de religião. O filósofo Quentin Smith, defensor sério e admirável do ateísmo declarou sobre os supostos propagadores e defensores do neo-atéismo:

É lamentável a espantosa falta de conhecimento que muitos pensadores secularistas manifestam quando tentam criticar a religião. Pois eles demonstram, em geral, desconhecer os sofisticados argumentos dos filósofos de inclinação religiosa, preferindo, em lugar disso, atacar espantalhos e fazer caricaturas jornalísticas simplórias da religião<sup>40</sup>.

Porém, através de concorridas palestras e por suas obras como: *O gene egoísta e Deus, um delírio* (Richard Dawkins), *Deus não é grande, como as religiões envenenam o mundo* (Christopher Hitchens), *Quebrando o encanto* (Daniel Dennett) e *A morte da fé* (Sam Harris), entre tantas; conseguem aliciar mais e mais adeptos para suas ideias.

### **Considerações finais**

Em tempos atuais o número de ateus e agnósticos se torna cada vez mais crescente a cada dia no mundo, isto sem contar com aqueles que simplesmente se declaram sem religião e que acabam por ser enquadrados de forma correta ou não no grupo dos

---

<sup>38</sup> PAINE, 2010, p. 08.

<sup>39</sup> FESER, 2017, p. 48.

<sup>40</sup> SMITH, Quentin. *The felt meanings of the world: A metaphysics of feeling*. 1<sup>o</sup> ed. Indiana: Purdue University Press, 2006. p. 103.

descrentes, segundo Nicodemus<sup>41</sup>. Cabe dizer, que de acordo com McGrath, esta adição muitas vezes acontece de forma errônea, pois é importante levar em consideração que aqueles que se apresentam como sem religião, podem em muitos casos não professar uma religião ou ser membro de alguma igreja formalmente, mas crer em alguma forma de divindade ou ser transcendental<sup>42</sup>.

Porém, é inegável que desde do declínio das religiões ocorrido na Europa, no fim do século XX, fato este que se estendeu sistematicamente para o restante do mundo ocidental nos últimos tempos, vive-se uma nova realidade e uma revolução na configuração estatística que envolve as religiões e seus adeptos<sup>43</sup>. Segundo Souza, o que era um número aparentemente inexpressivo a um século atrás de pessoas que se declaravam ateias, quando comparado com a população mundial no mesmo período, isto levando-se em conta que naquele tempo estimava-se em 220 mil ateus no mundo para uma população de aproximadamente 1,56 bilhões de pessoas no começo do ano de 1900 e que decorridos 100 anos esta diferença cai de maneira vertiginosa para atuais 262 milhões de pessoas assumidamente descrentes, contra 7 bilhões e 600 milhões de habitantes no planeta<sup>44</sup>. Ao analisar os números acima o leitor pode ser levado ao erro de um raciocínio superficial, chegando à conclusão de que o ateísmo ainda constitui um movimento insignificante, porém comparado às chamadas religiões tradicionais no mesmo período, seu crescimento é espantoso<sup>45</sup>.

Conclui-se que o ateísmo através do ateísmo moderno ou neo-ateísmo como comumente é designado, tem favorecido o crescimento do número de simpatizantes e adeptos pela negação da crença em uma divindade ou divindades<sup>46</sup>, favorecendo assim o avanço da divulgação de sua mensagem e tornando-se um movimento cada vez mais atuante e militante nos tempos atuais, merecedor de um estudo mais acurado sobre este fenômeno.

---

<sup>41</sup> NICODEMUS, 2011, p. 65.

<sup>42</sup> McGRATH, Alister. *The twilight of atheism*. 1ª ed. New York: Galilee Doubleday, 2006. p. 121.

<sup>43</sup> MINOIS, 2014, p. 697.

<sup>44</sup> SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 38.

<sup>45</sup> FREITAS, André de Sousa. *As máscaras do ateísmo: Uma crítica à filosofia ateísta*. São Paulo: Ihsou, 2011. p. 55.

<sup>46</sup> SILVEIRA, Emerson José Sena da. O discurso religioso na sociedade pós-secular: Notas reflexivas e indícios impertinentes. In: RIBEIRO, Luiz Osvaldo; ROSA, Wanderley Pereira da (Org.) *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014. p. 12.

## Referências

- BAGGINI, Julian. *Atheism: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- BOTTON, Alain de. *As consolações da filosofia*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.
- DAWKINS, Richard. *The God delusion*. Boston: Houghton Mifflin Company, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.
- FESER, Edward. *A última superstição: Uma refutação do neoateísmo*. 1º ed. Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 2017.
- FILHO, Tácito da Gama Leite Filho. *Ateísmo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1988.
- FREITAS, André de Sousa. *As máscaras do ateísmo: Uma crítica à filosofia ateuista*. São Paulo: Ihsou, 2011.
- GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. 2ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- GERBAUDO, Paula. *Como fortalecer a liderança para diminuir o conflito entre as gerações X e Y*. FAZU em Revista, Uberaba, n.8, 2011.
- GOZZINI, Mário. *Deus está morto? Religião e ateísmo num mundo em mutação*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- HITCHENS, Christopher. *Deus não é grande: Como a religião envenena tudo*. 1ª ed. Porto Alegre: D. Quixote, 2007.
- JACQUES, T.C.; PEREIRA, G.B.; FERNANDES, A. L.; OLIVEIRA, D.A. *Geração Z: Peculiaridades geracionais*. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, 2015.
- MCCRINDLE, M. *The ABC of the XYZ: understanding global generations*. Sydney: UNSW Press, 2011.
- McGRATH, Alister. *The twilight of atheism*. 1ª ed. New York: Galilee Doubleday, 2006.
- MINOIS, Georges. *História do ateísmo: Os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2014.
- MOHLER, R. Albert Jr. *Ateísmo remix*. São José dos Campos: Fiel, 2012.

- MOTA, Lindomar Rocha. *Neoateísmo. Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, 2010.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.
- NICODEMUS, Augustus. *O ateísmo cristão e outras ameaças à igreja*. 1ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- OLIVEIRA, Sidnei. *Gerações: Encontros, desencontros e novas perspectivas*. São Paulo: Integrare Editora e Livraria Ltda., 2016.
- ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia: Física da metafísica* 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2009.
- PAINE, Scott Randall. *Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, 2010.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Edson Bini et al. São Paulo: Edipro, 2015
- POLKINGHORNE, J. C. *One world: the interaction of science and theology*. Philadelphia: Templeton Foundation Press, 2007.
- SILVEIRA, Emerson José Sena da. O discurso religioso na sociedade pós-secular: Notas reflexivas e indícios impertinentes. In: RIBEIRO, Luiz Osvaldo; ROSA, Wanderley Pereira da (Org.) *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014.
- SMITH, Quentin. *The felt meanings of the world: A metaphysics of feeling*. 1º ed. Indiana: Purdue University Press, 2006.
- SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- WELLER, Wivian. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, 2010.